

um ladrão de livros anarquistas e as histórias que seguirão

GUSTAVO SIMÕES

Roberto Bolaño. *A literatura Nazista na América*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo, Companhia das Letras, 2019, 237 pp.

Em entrevista realizada no final dos anos 1990, Roberto Bolaño declarou que a vantagem de roubar livros em vez de um caixa-forte é que é possível examinar com paciência o material antes de praticar a delinquência. Com dezesseis anos de idade, vivendo na Cidade do México e o 1968, o escritor lembrou como na Livraria de Cristal, somada à ruptura com a família, o roubo de obras como as de Pierre Louys, anarquista próximo a Oscar Wilde, foi decisivo para sua formação literária. Cinco anos depois dos primeiros delitos, com vinte anos de idade, empolgado com o governo de Salvador Allende, retornou a seu país natal, Chile. Depois do golpe civil-militar de 11 de setembro de 1973 foi preso pela polícia de Augusto Pinochet.

De volta ao México – narrou como conseguiu escapar da prisão no conto “Os Detetives” (*Chamadas Telefônicas*) –, Bolaño produziu suas primeiras poesias e estabeleceu relações de amizade definitivas, entre elas com Mario Santiago, poeta com quem inventou o movimento *infra-realista*, coletivo, segundo ele, constituído somente pelos

Gustavo Simões é pesquisador no Nu-Sol e doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP. Contato: gusfsimoes@gmail.com.

um ladrão de livros anarquistas e as histórias que seguirão

dois jovens escritores. Em relatos variados, lembrou que naquele instante, ao lado de Santiago, o Ulisses Lima de *Detetives Selvagens*, para ele a perspectiva de revolução tornou-se outra. Desta maneira, deslocando-se constantemente – da Cidade do México, passando por perambulações pela Europa, até se estabelecer em Barcelona, a partir de 1977, onde, inclusive, conviveu com anarquistas – assumiu a revolução como maneira de viver um percurso radical.

Fixado na Espanha, primeiro em Barcelona, posteriormente, na metade da década de 1980, em Blanes, onde vivia com poucos recursos – em algumas conversas, valoriza, sobretudo, um walkman, no qual, ouvia Lou Reed ou David Bowie enquanto rascunhava seus textos –, não cessou de escrever a partir das memórias das coexistências com os amigos no Chile e no México (boa parte mortos em resistências às ditaduras, overdoses ou AIDS). Mesmo vivendo distante jamais abandonou os embates contra a continuidade das violências autoritárias ocorridas no continente americano. *A Literatura Nazista na América* (1996), o primeiro dos seus livros dedicado precisamente a este combate, somente agora, vinte e três anos depois, é lançado aqui no Brasil.

Neste momento em que, forças a direita se ampliam institucionalmente, autoridades elogiam torturadores da ditadura e recomendam comemorações de aniversário do golpe civil-militar e propagam que o “nazismo foi um fenômeno de esquerda”, o lançamento de mais um Bolaño, sobretudo este, é urgente e vital. Mesmo que tardia, é mais uma peça, ao lado de contos como “Dias de 1978” e “Olho Silva” (*Putas Assassinas*, 2001) e *Noturno do Chile* (2000) para apreendermos a maneira contundente como

o escritor encarou a ubiqüidade das violências do Estado na America do Sul.

Apesar de ser o primeiro de uma série de livros dedicados a desvelar tais violências, de partida *A Literatura* já evidencia uma preocupação constante de Bolaño mostrar o funcionamento do circuito de: mortes produzidas não somente pelas mãos de policiais e funcionários regulares da repressão. No caso específico do livro, a violência está acompanhada e também é construída por “civis” como a mulher “incentivadora das artes”, devota, ao mesmo tempo, de Hitler e de Edgar Alan Poe (“Edelmira Thompson Mendiluce”), passando pelo romancista fracassado (“Juan Mendiluce Thompson”) indignado com o “irreal” e “cruel” Júlio Cortázar ou os líderes de torcida organizada na Argentina que trabalham para grupos de extermínio e anseiam um dia assassinar Johan Cruyff (“Os fabulosos Irmãos Schiaffino”) ou o jogador de futebol americano que sonha espancar Allen Ginsberg e até mesmo o filósofo irrelevante, inimigo de pré-socráticos e Buster Keaton (o brasileiro, “Luiz Fontaine da Souza”). Ao lado deste último, representando o Brasil, comparece também, Amado Couto, integrante do Esquadrão da Morte. Durante a ditadura, Couto defendia em literatura “algo moderno mas puxando para o seu terreno, algo policialesco (mas brasileiro, não americano), um continuador de Rubem Fonseca, para sermos claros” (p. 121).

Animado por obras como *La sinagoga de los iconoclastas* (Rodolfo Wilcock) e *Vidas Imaginarias* (Marcel Schwob), *A Literatura Nazista na América* é a procedência direta de *A Estrela Distante*, um dos romances mais conhecidos de Bolaño. É nas páginas de *A Literatura* que irrompe

um ladrão de livros anarquistas e as histórias que seguirão

pela primeira vez Ramirez Hoffman, o frequentador das oficinas literárias que depois do golpe se tornará o piloto da aeronáutica chilena responsável por grafar no ar poemas de elogio à morte e à ditadura de Pinochet, personagem recuperado em *A Estrela Distante*. Pouco a pouco, após o 11 de setembro, junto aos “desaparecimentos” dos poetas que frequentavam as oficinas e da repercussão dos vôos, o piloto ganha notoriedade entre os militares e organiza uma exposição onde exhibe fotos suas de cadáveres de jovens executados em sessões de tortura. Entretanto, com o ocaso da ditadura, se oculta na Europa. Seu paradeiro é desmascarado a partir da investigação, realizada por um poeta e um detetive de revistas literárias fascistas européias. É morto em 1998.

Ao recontar o episódio de *A Literatura em Estrela Distante*, Bolaño insere, pela primeira vez Arturo Belano como personagem. Belano, assumido pelo próprio escritor como uma espécie de alter-ego, é o narrador da história. Poeta preso pela resistência à ditadura Pinochet, ele é um dos espectadores, do pátio da prisão, das performances aéreas do torturador. Mas as alterações não param com entrada em cena de Belano. Em *A Estrela Distante* o piloto/torturador deixa de se chamar Ramírez Hoffman. Agora ele é Carlos Wieder, “wieder”, em alemão, sinônimo de “outra vez”. Alguns leitores de Bolaño apontam que a mudança pelo autor mira chamar a atenção para o ranço nazista que, de tempos em tempos, retorna assustador ao céu chileno. Impossível não pensar no cineasta Patricio Guzmán e seu “Nostalgia da Luz”, filmado no Atacama, registro simultâneo, no deserto, da busca por pistas dos “desaparecidos” e das investigações astronômicas visando identificar novos corpos celestes.

Arrancar as máscaras, expor a história terrível e infundável das violências na América do Sul, como as conduzidas por Hoffman-Wieder, eis uma das potências singulares do trabalho de Roberto Bolaño. Próximo dos anos 2000, um pouco antes de sua morte, depois de revelar sua admiração pelas ações das *Abuelas de La Plaza de Mayo*, o escritor afirmou que não acreditava na felicidade. Em suas palavras, vislumbrava somente uma felicidade imperfeita. E experimentava essa espécie de imperfeição, segundo ele, com seu filho, Lautaro. *Estrela Distante* é dedicado a Lautaro, nome de um índio *mapuche* reconhecido por seu combate aos espanhóis (e porquê não ao “wieder”?) durante a colonização. Hoje, Lautaro é também o nome de um grupo de jovens radicais e anticlericais no Chile. Talvez, em breve, alguém também conte essas histórias, episódios no presente, atitudes de coragem. O que importa agora é que enquanto houver ladrões de certos livros e jovens incendiários as histórias das resistências seguirão...